



Príncipe Maximiliano de Wied Neuwied
(ex. Bol. do Museu Nacional, tomo VII).

Série 5.ª

BRASILIANA
GRANDE FORMATO
BIBLIOTECA PEDAGÓGICA BRASILEIRA

Vol. 1

MAXIMILIANO
PRÍNCIPE DE WIED NEUWIED

VIAGEM AO BRASIL

Tradução de
EDGAR SÜSSEKIND DE MENDONÇA
e FLAVIO POPPE DE FIGUEIREDO

Refundida e anotada por
OLIVERIO PINTO



COMPANHIA EDITORA NACIONAL
SÃO PAULO - RIO DE JANEIRO - RECIFE - PORTO-ALEGRE
1940



Soldados de Linhares, com suas mochilas.

VII

ESTADIA NA CAPITANIA E VIAGEM AO RIO DOCE

Vila Velha do Espírito Santo — Cidade de Vitória — Barra de Jucú — Araçatiba — Coroba — Vila nova de Almeida — Quartel do Riacho — Rio Doce — Linhares — Os Botocudos, inveterados inimigos.

O rio Espírito Santo, que ao lançar-se no mar é bastante caudaloso, nasce nas montanhas, nas fronteiras da "capitania" de Minas Gerais, desce em diferentes rumos através das pujantes florestas dos "Tapuias", em que "Puris" e "Botocudos" vagueiam, e vem sair ao pé de uma dessas serras mais altas, que se dirigem para a costa, e da qual o Monte de Mestre Alvaro se diz ser o ponto mais elevado. Os estabelecimentos portugueses na desembocadura desse belo rio são muito antigos; foram severamente castigados pelas guerras com os "Tapuias", e particularmente com as três tribus dos "Uetacas", ou "Goaitacazes", que viviam no Parafba*. Na última metade do século XVII, a região do Espírito Santo não continha mais que quinhentos portugueses e quatro aldeias indígenas**. Presentemente, encontramos na margem sul do rio, não longe da foz, numa linda baía, a Vila Velha do Espírito Santo, pequena e miserável vila aberta, construída quasi toda numa praça. Numa das extremidades fica a igreja, e na outra, a "Casa da Camara" (edifício real ou câmara municipal). Numa alta colina coberta de vegetação, junto à vila, ergue-se o famoso convento de Nossa Senhora da Penha, um dos mais ricos do Brasil, dependente da abadia de S. Bento do Rio de Janeiro. Dizem que possui uma milagrosa imagem de Maria, razão por que o procuram numerosos peregrinos. Na época de nossa visita só havia dois eclesiásticos no lugar.

E' bem penoso subir a íngreme elevação para gosar o indescritível e amplo panorama que daí se descortina; domina-se a imensa superfície oceânica, e, do lado da terra, vêm-se belas cadeias de montanhas, com vários picos e vales intermediários, donde surge pitorescamente o largo rio. A vila é formada de baixos casebres de barro e de cai a olhos vistos, desde que se fundou a Vila de Vitória, na margem norte, á meia légua de distância: esta é um lugarejo gracioso, e foi

(*) Na história da vida do Padre Anchieta diz-se, a esse respeito, entre outras cousas: "Por este tempo, anno 1554 pouco mais ou menos, moveram guerra contra os moradores desta Capitania do Espírito-Santo contra uma nação de gentios perniciosos, barbaes, cruel e terrível por nome Goaitacá, cujas noticias quero dar aqui brevemente, etc.".

(**) Bouthey's History of Brazil vol. I pag. 667.

elevada à categoria de "cidade" depois de minha partida. Espírito Santo fôra outrora um governo subordinado, mas posteriormente fôra elevado a "capitania". A "cidade de Nossa Senhora da Vitória" é um lugar limpo e bonito, com bons edifícios construídos no velho estilo português, com balcões e rótulas de madeira, ruas calçadas, uma câmara municipal razoavelmente grande, e o convento dos jesuítas, ocupado pelo governador, que tem, à sua disposição, uma companhia de tropa regular.

Além de vários conventos, há uma igreja, quatro capelas e um hospital. A cidade é, entretanto, um tanto morta, e os visitantes, sendo raros, são objetos de grande curiosidade. O comércio marítimo não é desprezível; por isso, diversas embarcações estão sempre aí ancoradas, e fragatas podem aportar à cidade. As "fazendas" vizinhas produzem muito açúcar, farinha de mandioca, arroz, bananas e outros artigos, que são exportados ao longo da costa. Vários fortes protegem a entrada do belo rio Espírito Santo: um, logo na foz; o segundo, construído de pedra, um pouco acima, com oito canhões de ferro; e ainda um pouco mais acima, numa colina entre o último e a cidade, um terceiro forte com dezesseis a dezoito canhões, alguns dos quais de bronze. A cidade está edificada um tanto desigualmente, sobre colinas aprazíveis, e o rio, que lhe passa atrás, corre entre altas encostas, cobertas de trepadeiras, em parte rochosas e em muitos lugares nús e alcantiladas. A bela superfície do rio vasto é semeada de numerosas ilhas verdejantes, e a vista, aonde quer que lhe siga o curso através da região, encontra sempre um pouso ameno em altaneiras e fragrantas montanhas vestidas pela mata.

À nossa chegada, alojamo-nos na Vila Velha do Espírito Santo, porque aí tínhamos boa pastagem para os animais. Partimos, em seguida, em grandes barcos, para a "cidade" de Vitória, não sem certo perigo, devido ao forte vento que soprava do mar, e à largura do rio. O governador, a quem fomos cumprimentar, recebeu-nos com todas as aparências da cortezia. Pedimos-lhe pouso na região, por perto da cidade, e ele destinou-nos uma boa casa em Barra do Jucú, na foz do pequeno rio Jucú, cerca de quatro léguas de Vitória. Essa casa pertencia ao coronel Falcão, comandante do regimento da milícia do distrito, e um dos maiores lavradores dessa parte do país.

Tivemos de novo notícias da Europa, porque existe um serviço de correio, por terra, do Rio de Janeiro até à cidade em questão, não continuando, porém, para o norte. Enquanto liamos as gratas e tão desejadas notícias do lar, uma multidão de gente de todas as cores envolveu-nos, fazendo os mais estranhos comentários a respeito dos nossos países e do motivo da extraordinária visita: aí também, como em toda parte, fomos tomados por ingleses. Voltando à Vila Velha, encontramos, entre o nosso pessoal, alguns doentes de febre, esta se espalha tão rapidamente, que em poucos dias a maioria estava atacada. O mal era atribuído à água: mas, sem dúvida, é também causa-

do pelo clima e pelas provisões²³⁵. Cêdo, entretanto, curámos nossa gente com quina, e, assim que pudemos, dirigimo-nos à morada de Barra de Jucú, onde o ar marinho, fresco e extremamente puro, em breve completava o restabelecimento dos pacientes. Fizemos, então, arranjos para passar vários meses nesse novo abrigo, onde pretendíamos permanecer durante a estação chuvosa. Nossos caçadores percorreram as florestas próximas e distantes.

Barra de Jucú é uma pequena aldeia de pescadores à beira do rio Jucú, que aí desemboca no mar, depois de um percurso cheio de coleios através das florestas, desde as grandes "fazendas" de Coroaba e Araçatiba. O peixe é abundante, e perto das margens há muitos lugares de agreste pitoresco. As casas dos pescadores de Barra de Jucú ficam mais ou menos dispersas; no meio delas, próximo da ponte sobre o rio, está a casa do coronel Falcão. Esse opulento lavrador possui várias outras "fazendas" nos arredores, a maior das quais, Araçatiba, se acha a quatro léguas de distância. O coronel estava acostumado a passar os verões em Barra de Jucú, para tomar banhos de mar, de modo que lhe foi muito desagradável o fato do governador ter-nos dado a casa dele para nossa residência, fato, porém, que só soubemos depois. Veio, apesar disso, alojando-se em outra casa, na vizinhança, que se preparou para recebê-lo, até que se pudesse mudar para aquela que ocupávamos.

As mais interessantes excursões aí realizadas, para conhecermos a zona circunjacente, levaram-nos, primeiro, imediatamente depois da ponte sobre o rio Jucú, a uma bela mata virgem, que se estende em direção à Vila Velha do Espírito Santo. Encontramos uma bonita variedade de "saúim"²³⁶, até então desconhecida para nós (*Jacchus leucocephalus*, Geoffroy), em pequenos bandos, especialmente gulosos dos cocos de certo coqueiro silvestre; o porco-espinho de rabo prenil (o "Coy" de Azara)²³⁷, e outros animais. Entre os passaros, o

(235) Dispensam comentário as suposições referentes à origem do impudismo, endemia que ainda hoje é o flagelo dos nossos rios do litoral e do sertão; nenhuma noção idêntica sobre o papel fundamental dos mosquitos perniciosos (são responsáveis numerosas espécies da família Culicidae e sub-família das Anofelinas) na transmissão da moléstia, ocasionada, como se sabe, pela presença no sangue, de protozoários do gênero *Plasmodium*, cuja descoberta, em 1880, se deve a Laveran. Como a multiplicação dos mosquitos depende da existência da água, onde vivem (a princípio como larvas e depois como ninfas) até o momento de atingirem o estado adulto, explica-se imediatamente a relação, verificada desde a antiguidade, entre a doença e o meio físico.

(236) No original lê-se "Sahui" e "Sahrim"; hoje a pronúncia mais usada no norte é "saúim" ou mais propriamente "saguim".

Não serão deslocadas aqui algumas notas sobre os saguis do gênero *Hapale* Illiz. (= *Jacchus* Geoff.) encontrados no centro-leste brasileiro. *Hapale leucocephala* (Geoff.) reconhece-se pela sua cabeça perfeitamente branca em toda a metade anterior, em contraste com a outra metade, que é preta, inclusive as orelhas e os tuos de longos pêlos que as ornarn; em *H. penicillata* (Geoff.) existe um pouco mais ao norte (Minas, sul da Baía), só a testa e as bochechas são brancas; *H. flaviceps* Thomas, também do Espírito Santo, é muito destacado pela cor ferrugineas característica do alto da cabeça; *H. jacobus* (Linn.), que é o saquí comum na faixa litorânea do Brasil este-setentrional, desde o Recôncavo da Baía, e o primeiro descrito pela ciência, tem porte bem menor e se caracteriza pelos longos pinças de pêlos das orelhas, brancas, e não pretas como em *leucocephala*, cuja fronte e rosto alvos também não possui.

(237) Sob o nome de (*Hystrix insidiosa*, Licht.) este animal vem bem descrito por WIED no vol. II (pag. 434) das suas *Beitr. Naturg. Bras.* É o *Coendu villosus* (Fred. Cuvier, 1821) dos livros modernos e corresponde ao nosso grande ouriço caixeiro, não raro no interior do Brasil. Dêle me lembro de ter visto magnífico exemplar próximo de Sant'Ana do Paranapi, no sudeste de Mato-Grosso, capturado dentro de uma habitação, em que se introduzira furtivamente, durante a noite.

mais comum nessa floresta era a linda e azul *Nectarinia cyanea* (*Certhia cyanea*, Linn.)²³⁸; as seguintes espécies de tangarás²³⁹ *Pipra pareola*, *erythrocephala* e *leucocilla*; ainda uma pequena espécie até aqui não descrita, que denominarei *strigilata*²⁴⁰, uma linda espécie nova de "tangará" (*Tanagra elegans*)²⁴¹ e uma admirável espécie de safra (*Procnias cyanotropus*)²⁴² cuja plumagem muda de cor conforme a luz. Podíamos estar sempre certos de encontrar as pequenas e bonitas tangarás numa certa árvore, as bagas pretas da qual constituíam o seu alimento predileto. Há, também, veados nessa mata; para caça-los o coronel Falcão trouxe os seus cães de caça de Araçatiba. Para matar, porém, animais raros e de grande porte, que evitam a vizinhança do homem, procuramos as extensas florestas seculares, distantes cerca de duas a três léguas, nos arredores da "fazenda" de Araçatiba.

(*) *Pipra strigilata*: menor que a *Pipra erythrocephala*; alto da cabeça, vermelho-escuro; parte superior do corpo, verde-oliva; parte inferior, esbranquiçado com raras castanho-avermelhadas, grande variedade de formas pertencentes ao grupo, só conjecturar e possível sobre as espécies observadas por Wied, as quais devem, contudo corresponder às que no grande gênero *Tibouchina*, são vulgarmente conhecidas por "flor de Quaresma".

(**) *Tanagra elegans*: cabeça, amarelo-escuro; dorso, negro com raia amarela; garganta e peito, azul-esverdeado brilhante; lados e ventre, verde.

(***) *Procnias cyanotropus*: visto contra a luz, todo o passaro é de um esplêndido azulado; protegido da luz, é de um brilhante verde-claro; asas e garganta, negro; parte inferior do corpo, branco. No Museu de Berlim recebeu o nome de *Procnias sentralis*.

(238) Cf. nota 47.

(239) Não se confundam os "tangarás" de atual linguagem vulgar (fam. *Pipridae*), com os termos *Tanagra* e *Tangara* (fam. *Tanagridae* da nomenclatura científica).

Wied, consoante o uso dos autores ingleses e alemães, chama-os "Manakins" que significa "manequim" e foi primitivamente aplicado a uma espécie (*Pipra manacus*, Linn.), caracterizada pela presença, no queixo, de penas com uma tal ou qual aparência da barba humana.

Os nomes atuais das três formas, aqui assinaladas pelo autor, são, respectivamente: *Chlorophaps parula* (*parula*, Linn.), *Pipra erythrocephala rubrocapilla* Temm. e *Pipra pipra cephalus* Temm. Todas ocorrem ainda hoje nas matas do Espírito Santo e leste da Baía, embora possam já ser tidas como raras.

(240) Por diferença apenas de um ano perdeu Wied a prioridade na descrição desta espécie, para a qual Hahn (1811) já havia proposto o nome de *Pipra regulus*. A conformação toda especial das remiges secundárias dos indivíduos do sexo masculino, cujo raio anormalmente reforçado e espesso parece relacionar-se com o seu emprego nos combates que travam os machos uns com os outros, no período nupcial, induziu Bonaparte a fazê-la tipo de um gênero especial, sob o expressivo nome de *Machaeopterus*, hoje universalmente adotado. *Machaeopterus regulus* (Hahn), além da raça brasileira, encontrada nas matas de leste, entre Baía e Rio de Janeiro, conta com mais duas variedades, aparentemente estranhas ao Brasil.

(241) *Tanagra* (= *Caloptila*) *cyanonotris* (Vieillot).

Tanagra elegans P. L. S. Müller (1766), que corresponde ao "Tanagra de Cayenne" de Daubenton, já havia recebido de Linneu o nome de *Tanagra chlorotica*; e, porém, ave diversa da referida por Wied e incluído-se entre os vulgarmente chamados "gaturamos" (São Paulo) ou "guriñhatás" (Baía). Nas "Beiträge" (tomo III, pag. 464) reconhece Wied a confusão, descrevendo o pássaro com o nome de *Tanagra citrinella*, proposto antes por Temminck, que dele deu uma magnífica figura na bem conhecida coleção de suas "Planches coloriées". Verificou-se ulteriormente que já Vieillot o tinha descrito (1819), como *Tanagra cyanonotris*, acerto pela nomenclatura, no que tange à aplicação específica. É passarinho pertencente ao brilhante e numeroso gênero das sifas, tecnicamente conhecido por *Tanagra* Brisson (= *Caloptila* Gray). Ocorre nas matas do Brasil oriental, da Baía a São Paulo, inclusive o leste de Minas.

(242) Em "Beiträge" (vol. III, pag. 385) já renuncia Wied o nome que aqui lhe propõe: o pássaro ali aparece com a denominação de *Procnias sentralis*, proposto por Illiger, mas inédito até então. Ambas as aplicações clem, todavia, em face de nome mais antigo, *Hirundo viridis*, proposto por Illiger, em 1811, para a fêmea, cuja plumagem peculiar, verde em vez de azul, fá-la ser considerada, a princípio, ave distinta. *Procnias viridis* (Illig.), de que no Brasil ocorre também só a raça típica, é formosa ave, ainda muito comum à margem dos rios e regatos do interior, e especialmente do Brasil central.

Era muito agradável o caminho até lá; primeiro passávamos através de grandes varzeas arenosas, repletas de plantas palustres as mais diversas; subíamos depois morros, onde cerrados de coqueiros novos e outras belas árvores ofereciam uma sombra densa. Uma espécie de graminea parecida com o junco cobre os lugares escarpados, em que o pequeno tentilhão cor brilhante de aço (*Fringilla nilens*, Linn.)²⁴³ é muito comum. Cavalgando por uma trilha estreita na mata, topei com uma grande cobra enrolada, que não arredou do caminho. Meu cavalo estremeceu, e por isso saquei da pistola carregada e matei-a. Examinando-a vimos que era uma espécie inócua, e soubemos ser conhecida na região por "caninana". Demais a mais pertence ao gênero *Coluber*²⁴⁴. Não foi sem muita persuasão que o negro do coronel Falcão, que nos acompanhou, consentiu em carregá-la nas costas. A imponente selva de Araçatiba era um ermo soleado; por toda parte os papagaios esvoaçavam com alarido, e a vozearia dos macacos "saf-assu" se ouvia em todo o redor. Trepadeiras ou "cipós", das espécies mais belas e variadas, entrelaçavam-se nos troncos gigantescos, formando impenetrável mata: as esplêndidas flores das plantas carnudas, os pendentes festões dos fetos, enrolados nas árvores, vicejavam luxuriantemente; em toda parte, coqueiros novos adornavam o mato baixo, sobretudo nos pontos úmidos; aqui e ali, a *Cecropia peltata*²⁴⁵, de caule anelado cinzento-prateado, formava moitas distintas. Dessa magestosa penumbra passamos inesperadamente para um trecho escampo, e tivemos grata surpresa, quando, de súbito, descortinamos o grande edifício branco da "fazenda de Araçatiba", com as suas duas torres pequenas, situada numa linda planura verde, ao pé do altaneiro Morro de Araçatiba, montanha rochosa coberta de mata. Essa propriedade tem quatrocentos escravos negros, e plantações muito extensas nas cercanias, especialmente de açúcar. Os filhos do coronel vivem em "fazendas" diferentes, não longe daí.

Araçatiba foi a maior "fazenda" que encontrei durante a minha viagem: o edifício possui extensa fachada de dois pavimentos, e uma igreja; as choças dos negros, junto com o engenho de açúcar e a casa de trabalho, ficam ao pé de uma colina, perto da residência. A

(*) Esta espécie é, com toda verossimilhança, a cobra variável de Merrem. Cf. a *Beiträge zur Naturgeschichte der Amphibien*, 2.^a fac., pag. 51, estampa XII.

(243) Denominação científica inexata, que decorre da confusão (feita primeiro por Gmelin, *Syst. Nat.*, II, pag. 909) do nosso passarinho, o muito conhecido "tsu" ou "serrador", com ave africana, de plumagem semelhante. Nas "Beiträge" (vol. III, p. 597) aparece retificado em *Fringilla spilodens* Vieillot, que não obstante teve que ceder lugar a *Tanagra jacarina*, Linn., nome mais antigo. A descrição lineana baseia-se em "Jacarini" de Macgregor que é, para a ornitologia o verdadeiro descobridor da espécie, hoje chamada *Volatinia jacarina*, Linn., feita a correção do nome genérico.

(244) *Coluber pallatus* Linn., tipo, depois do gênero *Spilotes*, Wagler. Afranio do Anual distingue, distribuídas em zonas diferentes do Brasil, três raças de *Spilotes pallatus*, Linn., uma das quais a forma típica, que de todas é a mais extensamente distribuída e corresponde ao exemplar visto por Wied, vai até a América Central.

(245) São muito numerosas as espécies de "imbuaba" (*Cecropia*) encontradas em nossas matas de leste, sendo assás problemático que nos lugares aqui descritos corresse apenas a que recebeu o nome referido por Wied.

uma légua mais ou menos, num pitoresco local à margem do rio Jucú, inteiramente cercada de grandiosas florestas virgens, situa-se uma segunda "fazenda", chamada Coroaba, que pertence a outro proprietário. O governador começara a construir uma igreja em Sto. Agostinho, não longe de Coroaba, razão por que estava residindo nesse lugar. Existe aí um posto militar de guarda contra os selvagens; nessa época, os soldados estavam ocupados em abrir uma estrada até Minas Gerais, para onde já viajara um oficial, por ordem do governador, afim de abrir caminho através das matas. O governo estabelecera em Sto. Agostinho cerca de quarenta famílias, que vieram de Açores, sobretudo da Terceira e S. Miguel, e algumas poucas de Fayal. Essa gente, que vive em grande pobreza, queixa-se amargamente de miséria; fizeram-lhe magníficas promessas, que não foram cumpridas.

Ficáramos muito satisfeitos si nos instalássemos em Coroaba, mas a impossibilidade de encontrar aí acomodações para nossa numerosa comitiva, obrigou-nos a permanecer em Barra de Jucú.

Muitas coisas de que tínhamos grande necessidade e que esperávamos ter na Capitania (também simplesmente assim é chamada a região do Espírito Santo) foram enviadas para Caravelas, fato que nos trouxe não pequeno transtorno. Afim de remediá-lo, o sr. Freyreiss e eu resolvemos partir imediatamente para Caravelas e lá acertar as coisas. Levemente equipados, e acompanhados de alguns homens bem armados e a cavalo, deixámos Barra de Jucú a 19 de Dezembro; o restante de nossa "tropa", que permanecera atrás, dirigiu-se para Coroaba afim de aí exercer a sua atividade. Poderíamos ter feito a mesma viagem por mar, em muito menor prazo; mas viajar ao longo da costa em embarcações pequenas e incômodas, e com tempo tempestuoso, não é muito agradável.

Seguimos para Pedra de Agua, casa solitária sobre uma elevação à margem do rio, com o fim de transportar as nossas quatro montarias e dois burros de carga através do rio Espírito Santo. Frente a a nós, num dos cumes montanhosos da outra banda, vimos o notável rochedo de Jucutucoara, situada não longe da Vila de Vitória. Parecida com o "Dente de Jaman" do "Pays de Vaud", chama a atenção de longe; está colocada em tranqüilas e verdejantes eminências, parcialmente vestidas de pequenas matas. Diante dela, mais perto do rio, fica a aprazível "fazenda" Rumão; frente a esta, a "Ilha das Pombas" recorta a superfície espelhante do rio. (na edição in-4to. há uma vista panorâmica desse lugar). Era muito agradável, das alturas dessa margem, o panorama do belo rio, onde algumas "lanchas" e canoas de pesca velejavam corrente abaixo. Pretendíamos atravessar logo, mas por infelicidade nenhuma canoa apareceu para nos transportar; por isso, pedimos abrigo ao idoso morador de Pedra de Agua, e passámos a noite numa pequena cabana, que mal nos protegeu do vento e da chuva; entretanto, a boa vontade do nosso hospedeiro compensou a falta de conforto. Ao cair da noite, o gado que pastava começou



a reunir-se; observámos, no meio d'ele, um curioso carneiro, que nos disseram ter resultado do cruzamento de um carneiro com uma cabra. O animal se assemelhava muito à mãe; era gordo, corpulento e arredondado, tinha pêlo macio de cabra e os chifres virados um pouco mais para fora*. Os cordeirinhos, que os meninos apanharam, mostravam frequentemente, no umbigo ainda mal cicatrizado, uma porção de larvas, para matar as quais esfregavam mercúrio no lugar. Essas larvas são um mal bastante comum nos países quentes; onde quer que haja uma ferida, as moscas estão prontas para desovar. Existe no Brasil outro inseto que deposita os ovos no tecido muscular ou debaixo da pele, até do próprio homem; depois da picada deste animal sobre vem uma pequena dor local, o lugar começa a inchar, até o momento em que os naturais, perfeitamente conhecedores desta nociva praga extráem uma pequena larva branca e alongada, cicatrizando-se depois a ferida. Azara refere-se provavelmente ao mesmo inseto**, acreditando que ele já penetra na pele como larva, o que não concorda com a nossa experiência²⁴⁸.

As canoas chegaram na manhã seguinte e então atravessámos o rio, que tem perto de mil passos de largura. Prosseguimos por um vale, que se estende coleando logo por baixo das alturas em que está Jucutuocara; vimos bem próxima a casa alvejar de uma "fazenda" pertencente a um sr. Pinto. Cruzámos o pequeno rio Muruim ou Passagem, sobre o qual passa uma ponte de madeira geralmente fechada por uma porteira; e depois de cavalgarmos através de charcos cobertos de "mangues", (*Rhizophora*, *Conocarpus* e *Avicennia*) alcançámos a costa. Olhando para trás, distinguimos mais claramente a cadeia de montanhas de Espírito Santo, que o viandante não pode dominar enquanto se acha colocado entre os pontos extremos de suas eminências. A três léguas de Capitania, conseguimos pouso para a noite na pequena "povoação" de Praia Mole.

Aí, numa verde planície, um pouquinho acima do nível do mar, encontram-se esparsas várias habitações. Numa delas, encontrámos amigável acolhimento; e como todos os habitantes tivessem muito gosto pela música, fomos, à tardinha, agradavelmente entretidos com

(*) V. BUFFON, Supplement, t. V, p. 4 (ed. in-12).

(**) AZARA, Voyages, etc., vol. I, p. 217.

[248] Wied refere-se inequivocamente ao "berne", larva de uma mosca silvestre, (*Dermatobia cyathodonta*, Macquart), da família dos Estrídidos. Só modernamente, graças aos esforços de investigadores estrangeiros e especialmente brasileiros, a curiosa biologia do inseto pôde ser completamente aclarada, verificando-se que, no tocante ao meio de propagação, a verdade estava antes com Azara. Com efeito, a mosca berneira não põe diretamente os seus ovos na pele do futuro hospedeiro das larvas, mas deposita-os, em massa compacta, sobre o corpo de outras moscas (como a mosca das estreberias, (*Stomoxys calcitrans*, Geoffr.), as quais se tornam assim simples portadoras das larvas, prontas a abandonar na primeira oportunidade o veículo transitório, por um hospedeiro adequado. Este é as mais das vezes um animal bovino; mas pode ser também um equino ou porcino, sem falar no próprio homem, como nolo referir Wied, e é facto de observação relativamente frequente (Cf. OLIV. PINTO, *Rev. Mus. Paul.*, XX, pag. 13).

São muito numerosas as contribuições bibliográficas sobre a matéria, cuja importância científica e económica salta aos olhos, merecendo consulta, entre outras, as seguintes: ARTHUR NEIVA, *Mem. Inst. Oswaldo Cruz*, 1914, p. 206; A. NEIVA e FLORENCIO GOMES, *Collecções dos Trab. do Inst. Butantan*, vol. II, p. 3; ED. NAVARRO DE ANDRADE, *Arch. do Inst. Biológico*, II, p. 53.

A fazenda do Sr. Pinto Hemery de Almeida
situada na Cda. Francisco Monjardim pa.

música e dansas. O filho do hospedeiro, que era muito hábil na fabricação de guitarras ("violões") tocava, e o resto da meninada dansava o "bataque"²⁴⁷ entregando-se a estranhas contorções do corpo, batendo palmas e estalando dois dedos de cada mão alternadamente, imitando as castanholas dos espanhóis. Embora os portugueses tenham grande talento natural para a música, não se vê, pelo Brasil, outro instrumento sinão a "viola". Si o amor à música e à dansa é geral entre o povo, também o é a hospitalidade, pelo menos na maioria dos lugares. Encontramo-la aí; com efeito, nossos hospedeiros fizeram tudo para nos agradar e o tempo, assim, passou suavemente.

Deixando Praia Mole, chegámos cedo, na manhã seguinte, ao povoado de Carapebuçú. Desse lugar em diante, ao longo do litoral, se estendiam florestas, orlando as enseadas e cobrindo as pontas de terra. Nessas matas, agora que o estio justamente começava, viam-se esvoaçando inúmeras borboletas das espécies mais diversas sobretudo *Nymphales*. Aí observámos o notável ninho saciforme de um pequeno passaro do género *Todus*, que sempre o constrói próximo a casas de certa espécie de vespa ("marimbondo"), com o fim, dizem, de se pôr a coberto do ataque dos inimigos. Tentei aproximar-me de um ninho desse passaro, mas fui impedido pelas vespas, que apareceram imediatamente. Nos cerrados que margeiam a costa, habitam famílias pobres e esparsas, que vivem da pesca e da colheita de suas plantações. São em geral negros, mulatos e outras gentes de cor: há muito poucos brancos entre eles; queixam-se logo ao forasteiro de pobreza e indigência, que só podem provir da preguiça e da falta de iniciativa, porque o solo é fértil. Pobres demais para comprar escravos, e demasiadamente indolentes para o trabalho, preferem morrer de fome.

Continuando para o norte, alcançámos um trecho onde moravam, não creoulos ou mulatos, mas índios civilizados. As habitações se espalhavam por uma sombria floresta de magníficas árvores-gigantes; trilhas escuras vão serpenteando de uma choça a outra; nos regatos cristalinos, em que se espelha a bela vegetação, vêem-se rapazes pardo-escuros, nus e com a cabeleira negra como carvão, pescando e brincando. Descobrimos passaros lindos nessa mata deliciosa; o "jacamar" auri-verde (*Galbula magna*)²⁴⁸ pousava nos ramos rasteiros vizinhos da água, à espreita de insetos; e vozes desconhecidas ressoavam na solidão. Depois de quatro léguas de viagem, saímos da selva e contemplámos, à frente, numa eminência sobranceira ao mar, a Vila Nova de Almeida.

Vila Nova é uma grande aldeia de índios civilizados, fundada pelos jesuítas: possui uma grande igreja de pedra e contém, em todo o distrito, de 9 léguas de circunferência, cerca de 1200 almas. Os moradores da vila são principalmente índios, havendo também portugue-

(247) No original "Baduca".

(248) *Galbula rufocincta* Cabanis (confundida em "Beirdge", IV, p. 436, com *G. viridis* Latham, espécie amazônica), vulgarmente "beija-flor do mato virgem", "beija-flor d'água", "cutelão" etc. Comum onde quer que haja água fresca e ambiente rústico.

ses e negros. Muitos, tendo casas aí, só voltam das plantações aos sábados e aos feriados. No convento dos jesuítas, que serve atualmente de residência ao padre, ainda existem algumas velhas obras dessa ordem, o que é uma raridade, porque as bibliotecas de todos os outros conventos, deixadas ao abandono, se destruíram ou dispersaram. Aí, outrora, os jesuítas ensinaram na "língua geral"; diz-se que a capela deles, "Dos Reis Magos", foi muito bonita. O lugar é morto, e não parece populoso; também se vê muita pobreza. Os índios tiram a subsistência das plantações de mandioca e milho; exportam, igualmente, um pouco de lenha e de artigos de cerâmica, mantêm uma pesca nada desprezível no mar e no rio Safanha²⁴⁹ ou Dos Reis Magos, que passa além da aldeia. O sr. Sellow, que posteriormente visitou esse lugar, teve oportunidade de conhecer a curiosa maneira de pescar com os ramos da árvore chamada "tingui" que Condamine refere como praticada no rio Amazonas*. Cortam ramos da árvore "tingui", esmagam-nos e fazem molhos com eles, jogando-os à água, sobretudo nos trechos em que ha pouca correnteza; algumas vezes, represam o rio com êsses molhos, afim de barrar o caminho ao peixe, que, intoxicando-se com o sumo misturado à água, vem à tona e morre, ou pode ser facilmente apanhado à mão. As plantas que produzem esse efeito são espécies do género *Paullinia*, e a *Jacquinia obovata*, arbusto de grãos vermelhos e folhas de forma oval, que medra nas pequenas matas litorâneas, sendo, por isso, denominada "tingui" da praia²⁵⁰.

Em Vila Nova, ouvimos falar muito de um animal marinho, nunca visto antes aí, e que uns índios mataram na praia havia pouco, a tiros de mosquete. Era grande, e dizia-se possuir pés parecidos com mãos humanas. Extraíra-se dele grande quantidade de gordura. A cabeça e os pés foram enviados ao governador. Todas as nossas tentativas para obter informações mais pormenorizadas sobre esse animal foram inúteis, mesmo porque partiram e cozinham o esqueleto, e em parte o enterraram. De tudo o que soubemos, entretanto, parece que se tratava de uma "phoca" ou "manati"²⁵¹.

(*) Viagem de CONDAMINE, p. 156. VASCONCELLOS também a menciona em suas "Memórias curiosas sobre os índios; segundo ele, os índios pescavam com folhas de "Japical", com "cipó" (chamado "timbó putyara") ou "tingui" também dito "tiniuri"; além disso, com o fruto "curatapé", com as raízes do "mangue", etc., p. 76. Vide ainda, sobre este assunto: Blumenbach, em notas à Viagem ao Rio Berice (ano 1671) de ANDR. VAN BERKEL, p. 180, e também Krusenstern, I, p. 180.

(249) No original "Sañanha" (= Safanha).

(250) O "tingui da praia" chamado também "barbasco" (*Jacquinia armillaria* Jacq. fam. Theophrastaceae) é um dos muitos "tinguis" de que se serviam os nossos índios para intoxicar o peixe. Os "timbós", usados para o mesmo fim, compreendem série numerosa de vegetais lictocáxicos filiados a diferentes famílias botânicas e abundam particularmente nas matas amazônicas; pertencem às Leguminosae papilionaceae o "timbó de Caiena" (*Tephrosia tatararia*, Sw.), o "timbó legítimo" (*Lonicocarpus nica*, Aubl.), o "timbó vermelho" ou "t. urucú", além de muitos outros, na sua maioria do género *Lonicocarpus*; às Sapindaceae, varias espécies do género *Paullinia* (*P. pinnata*, Lin., *P. grandiflora*, St. Hilaire), etc.; às Compositae os "conamis" (*Cibadium bicarpum* Mart., *Cl. surinamense* Lin.), nome aliás comum a outras plantas venenosas, como *Phyllanthus coraui* Aubl., uma Euforbiaceae.

(251) A presença de extremidades semelhantes a mãos humanas compromete a hipótese de estar aqui em jogo um Sirenio, como o "peixe-boi", parecendo tratar-se antes de um Pinípede, a me-

As florestas percorridas pelo Saíanha, que se chamava Apiaputang na antiga linguagem aborígene, dizem ser habitadas por "Coroados" e "Puris". Também ouvimos falar de outra tribo, denominada "Xipotós", que afirmam viver na região rio acima, entre o rio Doce e o Saíanha: mas essas declarações a respeito dos nomes das diferentes tribos indígenas não merecem confiança. Mais além, do Saíanha ao Mucur, o litoral é quasi que exclusivamente habitado por famílias esparsas de índios. Falam apenas a língua portuguesa e trocaram o arco e a flecha pelo mosquete; até as moradas diferem muito pouco das dos colonizadores portugueses; ocupam-se principalmente da lavoura e da pesca no mar. Ao norte do Saíanha, toda a costa é coberta de densas florestas. Em poucas horas se atinge o rio "Pyrakassú" (rio do peixe grande), como originalmente os índios o denominavam. Af, na "barra" ou foz, existe uma "povoação" chamada Aldeia Velha; e, um pouco acima no rio, uma grande aldeia fundada pelos jesuítas, que reuniram, nesse lugar, considerável número de índios. Alimentam-se sobretudo de moluscos e peixes; daí haver ainda, nas margens do rio, grandes montões de conchas. Estes, segundo algumas pessoas, teriam origem diferente, mas diversos autores^(*) confirmam a asserção de serem os índios grandes comedores de ostras, e as circunstâncias explicam suficientemente o fato; não há dúvida, portanto, que esses acúmulos de conchas derivaram dos repastos dos antigos habitantes da zona. Consta que, quando, posteriormente, vários colonos portugueses se fixaram no Pirakassú, os jesuítas levaram embora os índios que aí viviam, afim de afastá-los dos portugueses.

Atingimos Vila Velha à tardinha. Depois de dobrarmos uma ponta de terra que entrava pelo mar, encontrámo-nos de repente junto a um belo e vasto rio, que surgia das margens cobertas de florestas para se lançar ao oceano. Vila Velha consiste em seis ou sete cabanas cobertas de palha, num pequeno vale plano; dentre todas, apenas uma casa é de aparência um tanto melhor, então ocupada pelo comandante do distrito, tenente da guarnição de Espírito Santo. Fomos aí recebidos com a maior gentileza em casa do sr. "Tenente"; os moradores exultaram com a oportunidade de falar a seres humanos; consideram esse posto, onde o oficial é mantido por alguns anos, como uma espécie de exílio. O oficial aí estabelecido na época da nossa visita, queixava-se muito de falta de distração e de conforto; eram mes-

(*) SOUTHEY'S, etc., vol. I, p. 36.

nos que tenha havido erro nas informações colhidas pelo viajante naturalista. Seja como for, o peixe-boi, a que os tupás da costa oriental chamavam "gouragou", era nos primeiros tempos provavelmente comum em todos os grandes rios da vertente oriental do Brasil. O padre FERNÃO CARDIM (*Tratado da Terra e Gente do Brasil*, ed. de J. Leite, Rio de Janeiro, 1925, p. 79 e ss.), deu-nos dele longa e pitoresca descrição, ao passo que a sua ocorrência na Baía é testemunhada por Gabriel Soares e no Espírito-Santo porANCHETA: Sua existência ainda em nossos dias no alto Rio Doce foi-me verbalmente asseverada por Pinto da Fonseca, bastante conhecedor da fauna daquela região. Admite-se geralmente que a espécie seja a mesma do Amazonas (*Trichechus inunguis* (Peters)); faltam-me entretanto elementos, para afirmá-lo com segurança.

A prevalência de *Trichechus* Lin., 1758, sobre *Manatus* Lin., 1766, foi decidida pela Comissão Intern. de Nomenclat. Zoológica (opinião 112; cf. *Mem. Inst. Butantan*, V, p. 264).

mo obrigados a dispensar, nesse lugar isolado, muitas utilidades necessárias. Dificilmente se obtinham provisões, exceto farinha de mandioca e peixe. Os habitantes de Aldeia Velha são pescadores pobres; contudo, o peixe é abundante no rio, que possui boa "barra", de modo que as "lanchas" podem singrar até longe, rio a dentro.

Não havendo no lugar nada que nos pudesse deter mais, despedimo-nos do nosso amável hospedeiro no dia seguinte, e atravessámos o rio. A corrente era muito profunda, larga e rápida, e um dos burros de montaria por pouco não se afogou, o que teria sido uma perda irreparável nessas paragens. Um índio moço, a serviço do comandante, que manejava destramente a nossa canoa balanceada pelas ondas, foi-nos de muita valia. Nos lugares rasos, próximo das margens, vimos gaivotas e andorinhas do mar, e numerosos bandos de *Rynchops nigra* (Linn.), bem conhecida pelo curioso bico. Além do rio viam-se matas extensas, onde se espalhavam as plantações dos índios: cultivam principalmente milho, mandioca e "baga" (*Ricinus*), de cuja semente extráem óleo. De novo entrámos numa espessa e bela floresta, onde lindíssimas borboletas esvoaçavam sobre flores variegadas, e o rugido do oceano ressoava em nossos ouvidos. A voz da "jacupemba" (*Penelope Marail*, Linn.)⁽²⁵²⁾, ave da mata pertencente ao grupo do faisão, chamou a atenção dos nossos caçadores; sendo, porém, muito arisca, não matámos nenhuma. Cedo alcançámos novamente a costa e prosseguimos por mais quatro léguas, até que chegámos, pela tardinha, ao posto militar do Quartel do Riacho. O litoral forma muitas enseadas nesse trecho, o que dá ao caminho uma monótona uniformidade, pois, mal se vence um promontório, e já outro aparece à distância. Encontrámos aí diversas espécies de sargaços (*Fucus*), arremessados à costa pelo mar, mas somente poucas conchas. A andorinha de colorido azul-ferrete (*Hirundo violacea*)⁽²⁵³⁾ nidificava em alguns grupos de rochedos marítimos. Nesse trecho costeiro, vêm-se habitações isoladas de índios, a grande distância uma das outras, esparsas entre as capoeiras. Alguns habitantes se aventuram ao mar em canoas, em busca do peixe. Uma pequena corrente, cujo leito era tão mole que os animais nele se atolavam profundamente, deteve-nos muito tempo: dois dos nossos tropeiros, Mariano e Felipe, despindo-se, procuraram, guiando os burros de sela, e por fim, encontraram, um lugar mais firme, por onde todos nós passámos sem acidente, embora um pouco molhados. Ainda não escurecera quando chegámos ao "quartel".

Quartel do Riacho é um posto militar, composto de um oficial e seis praças, que tem por fim transmitir ordens e manter-se em comunicação com a zona à margem do rio Doce. Na praia há duas casas, uma das quais ocupada pelas famílias de alguns dos soldados, que tiram o sustento das plantações próximas. O oficial subalterno que af

(252) O nome da espécie (*Penelope superciliosa* Temm.), hoje conhecida apenas por "jacó"; já foi retificado em nota anterior.

(253) E' a andorinha doméstica grande, *Progne chalybea* Linn., determinação aliás retificada pelo autor nas Beiträge (vol. III, p. 354).

comandava era um homem inteligente, e deu-nos informações muito interessantes. Dêle soubemos maiores minúcias a respeito da guerra, travada nas matas do rio Doce, com a tribo hostil dos "Botocudos", justamente quando atingiamos as fronteiras dessa nação. O próprio oficial fôra atingido por uma flecha no ombro, quando servia num dos postos do rio Doce; mas já estava completamente curado da perigosa ferida. A tribo dos "Botocudos" (assim chamada pelos europeus) vagueia nas florestas, à beira do rio Doce, até às nascentes deste na Capitania de Minas Gerais.

Esses selvagens se distinguem pelo costume de comer carne humana e pelo espírito guerreiro: têm oferecido, até agora, obstinada resistência aos portugueses. Si algumas vezes se mostraram amigáveis em certo lugar, cometeram excessos e hostilidades em outro; daí nunca ter havido um entendimento duradouro com eles. Muitos anos atrás, existia um posto militar ("destacamento") de sete soldados a oito ou dez léguas rio Doce acima, no local onde hoje se ergue a "povoação" de Linhares; esse posto estava guarnecido com uma peça de canhão para proteger a projetada estrada nova para Minas. A peça, a princípio, manteve os selvagens à distância, mas, à proporção que foram conhecendo melhor os europeus e suas armas, os temores desapareceram. De uma feita assaltaram repentinamente o "quartel" mataram um dos soldados, e teriam apanhado e massacrado os outros, si estes não fugissem e procurassem escapar pelo rio, tomando uma canoa, que aconteceu justamente vir chegando com a salvação. Não podendo alcançá-los, os selvagens encheram o canhão de pedras e retiraram-se para as selvas.

Depois desse fato, o último ministro de estado, conde Linhares, declarou-lhes guerra formal, numa proclamação bem conhecida: ordenou que os postos militares já estabelecidos à margem do rio Doce fossem reforçados e que se instalassem outros, afim de assegurar-se os estabelecimentos dos europeus e as comunicações com Minas através do rio. Desde então não se deu tregua aos "Botocudos", que passaram a ser exterminados onde quer que se encontrassem, sem olhar idade ou sexo; e só de vez em quando, em determinadas ocasiões, crianças muito pequenas foram poupadas e criadas. Essa guerra de extermínio foi mantida com a maior perseverança e crueldade, pois acreditavam firmemente que eles mantavam e devoravam todos os inimigos que lhes caíam nas mãos. Quando mais tarde se soube que em alguns lugares, no rio Doce, simularam disposições pacíficas, batendo palmas, e depois mataram traiçoeiramente, com os formidáveis arcos, os portugueses que dêles se acercaram confiantes nas maneiras amigáveis, extinguíram-se todas as esperanças de descobrir-se sentimentos de humanidade entre êsses selvagens. Que, porém, essa opinião, deprimente para a dignidade da natureza humana, foi levada muito longe, e que a incorrigibilidade desse povo provém tanto da maneira como foram tratados, quanto da rudeza nativa, prova-o exuberantemen-

te o benéfico resultado da conduta humana e moderada do governador Conde dos Arcos, na "capitania" da Bafa, para com os "Botocudos" residentes à margem do Rio Grande de Belmonte. E' justamente o viajante, que deixa o teatro dessa guerra deshumana no rio Doce, quem mais se impressiona e mais a fundo pode refletir, quando, depois de algumas semanas, chega ao distrito do Rio Grande, e aí vê que os habitantes, em virtude da paz concluída três ou quatro anos atrás vivem com esses homens tão selvagens do modo mais amigável, o que assegura aos primeiros o sossego desejado, e aos últimos as maiores vantagens além da segurança.

Afim de explorar a notável região do rio Doce, de que ouvíramos muitos pormenores interessantes na "capitania", partimos pela manhã bem cedo do Quartel do Riacho, acompanhados por dois soldados, e atravessámos o "riacho", donde se origina o nome do posto, e em cuja imediata proximidade ficam as cabanas. Daí partimos para uma fatigante jornada de oito léguas pelo areal, sob o intenso calor de Dezembro.

O sólo é constituído de areia grossa misturada a quartzos e pequenos seixos, fatigante em extremo tanto para o homem como para o animal. Um tanto para o interior, as areias são cobertas de mato baixo, sobretudo de coqueiros anões*; mais atrás se erguem espessas florestas, nas quais, não longe da "praia", fica o Quartel dos Combosios, onde permanecem três soldados de guarda às comunicações.

Aí encontramos rastros das colossais "tartarugas" marinhas, que vêm à costa depositar os ovos em buracos cavados na areia. Em muitos lugares se viam dispersos restos desses animais, tais como carapaças e esqueletos, em cujo exame nos surpreendemos com o tamanho dos crânios; descobri um que não pesava menos de três libras. Os índios comem a carne dessas tartarugas, delas extraíndo grande quantidade de gordura: buscam, também, cuidadosamente, os ovos, dos quais se encontram muitas vezes, num buraco, doze a dezesseis dúzias. São redondos, brancos, revestidos de casca flexível e coriácea, contém uma albumina clara como água e uma gema de lindo amarelo, que tem bom gosto, embora saiba um pouco a peixe. Topámos famílias indígenas levando para casa cestos inteiramente cheios desses ovos. O tamanho das tartarugas do mar pode ser deduzido das carapaças que encontramos aí, com 5 pés de comprimento.

Ao meio-dia, quando o calor se tornou opressivo, nossa "tropa" estava por demais fatigada; não tínhamos água para saciar a sede ardente dos animais, e nem mesmo a dos companheiros que iam a pé, alagados de suor. Fizemos alto e procurámos abrigo à sombra do matagal baixo; mas aí, também, a terra estava tão aquecida que foi muito pequeno o refrigério; nossos pés, entretanto, descansaram, e aliviámos os animais alijando-lhes a carga. Nessa emergência, tirámos grande proveito da experiência dos nossos jovens índios, que se

(*) Mais adiante ha uma enumeração das diferentes espécies de palmeiras.

meteram pelas moitas com alguns vasos e colheram a água de dentro das folhas das bromélias. Essa água é pura e clara pouco depois das chuvas; agora, porém, que havia muito tempo não chovia, estava negra e suja; encontramos até ovos de rã e girinos. Coámo-la num pano, juntámos suco de limão, aguardente e açúcar, e dessarte tivemos um delicioso refresco. Nos pés de bromélia achavamos frequentemente uma pequena rã amarelada* que, à maneira de muitos animais desse gênero, desovam em terra; também encontramos, muitas vezes, aí, as suas pequenas larvas pretas. Não deve surpreender o fato de reptéis, essencialmente terrestres, criarem os filhotes em cima de árvores, de vez que, em certas partes dessa porção do globo, onde tanto abundam fenômenos curiosos, até o próprio homem nelas vive, como disso são exemplo os Guaraunas, de quem o sr. von Humboldt dá interessante notícia.

Depois de repousarmos um pouco, prosseguimos a jornada até tarde da noite, e por fim nos encontramos, ao luar, numa região arenosa, plana e descampada, perto da foz do rio Doce. Os dois soldados, que tomáramos como guias, perderam o rumo, e fomos obrigados, cansados como estávamos, a esperar longo tempo, até que descobrissem o caminho certo, que nos levou ao Quartel da Regência. Trata-se de um posto militar de cinco soldados, estabelecido na embocadura do rio Doce, incumbido de transmitir ordens ao longo do litoral, transportar viajantes através do rio e vigiar as comunicações com a povoação de Linhares. Passámos a noite na casa regularmente espaçosa dos soldados; em que havia diversos quartos com trastes de madeira, e um tronco**. Essa gente passa muito mal; peixe, farinha de mandioca, feijão preto e, por vezes, um pouco de carne seca, constituem a sua única alimentação. São todos de cor, creoulos, índios, mamelucos ou mulatos. Mal raiara a manhã, e a curiosidade nos impeliu a sair e a contemplar o rio Doce, o maior rio entre Rio de Janeiro e Baía: nessa época, toda a caudal rolava impávida e magestosamente para o oceano; a imensa massa d'água corria num leito que nos pareceu duas vezes mais largo do que o Reno no ponto de maior largura. Poucos dias depois, entretanto, tinha diminuído alguma coisa. Só nos meses chuvosos, principalmente em Dezembro, é que fica tão volumoso; em outras épocas, especialmente após estiagens muito longas, vêm-se surgir por toda parte do leito bancos de areia, de que, todavia, atualmente não se observava nenhum vestígio. A foz, por isso, nunca é navegável; as grandes embarcações não podem entrar por causa dos baixos e dos bancos de areia; nem mesmo "lanchas", a não ser quando as águas estão na maior cheia. O rio Doce nasce na "capitania" de Minas Gerais, formado pela junção do rio Piranga com o Ribeirão

(*) Espécie nova e ainda não descrita da rã pequena, *Hyla luteola*, de tom amarelado pálido, com uma estria mais escura através dos olhos.

(**) O "tronco" é um castigo militar. Consiste numa tábua comprida, enclavada em pé sobre um dos bordos, na qual há cortada uma série de furos redondos, destinados a prender a cabeça dos delinquentes. A tábua fecha em volta do pescoço, e o homem é obrigado a permanecer no chão a fio comprido. V. von ESCHWEGE, *Journal von Brasilien*, I. p. 128.

do Carmo: pois é depois dessa confluência que recebe o nome de Rio Doce*. Atravessa considerável trecho do país, e forma muitas pequenas "cachoeiras", três das quais, sucedendo-se com pequeno intervalo, conhecidas por "Escadinhas". As margens do belo rio são cobertas de espessas florestas, refúgio de grande número dos mais diversos animais. Aí se encontram, comumente, a "anta" (*Tapirus americanus*), duas espécies de porco selvagem (*Dicotyles*, Cuvier), "pecari" ou "caieté" e o "porco de queixada branca" (*Tailetu* e *Tagnicati* de Azara)²⁵⁴ duas espécies de yeados (o *Guazupita* e o *Guazubira* de Azara), e mais de sete espécies de felinos, entre as quais a onça pintada (*Yaguarêlé*, Azara) e o tigre negro (*Yaguarêlé noir*, Azara) são as maiores e as mais perigosas²⁵⁵. Contudo, o rude selvagem Botocudo, habitante aborígene dessas paragens, é mais formidável que todas as feras e o terror dessas matas impenetráveis. A região é escassamente povoada, de modo que ainda não há vias de comunicação, exceto ao longo do rio. É verdade que, poucas semanas antes, se abria na floresta uma picada (trilha) acompanhando a margem sul, mas estava longe de ficar pronta e só podia ser utilizada, por causa dos selvagens, pelas pessoas bem armadas. O Conde de Linhares, último ministro de estado, teve a atenção particularmente dirigida para essa bela e fértil zona. Estabeleceu novos postos militares e construiu a "povoação" atualmente, devido a ele, chamada Linhares, oito a dez léguas rio acima, no local onde se fundara o primeiro "quartel". Mandou desertores e outros criminosos para povoar a nova colônia, que teria certamente prosperado em curto prazo, não fosse a morte arrebatadora do atual ministro. Desde então, a zona ficou inteiramente ao abandono, e, a não ser que se adotem medidas energéticas, estará de todo deserta dentro em pouco.

Estávamos impacientes por subir o belo rio Doce, afirm de, si possível, conhecermos o teatro da guerra com os "Botocudos" nas florestas; mas, devido à agitação do rio, ocasionada por violenta ventania, a 25 de Dezembro, os soldados aconselharam-nos a transferir a partida para o dia subsequente. A manhã seguinte esteve cálida e serena, de modo que embarcámos, ao amanhecer, numa comprida canoa conduzida por seis soldados. Nossa comitiva se compunha de nove pessoas, todas bem armadas. Para subir o rio Doce na cheia, são ne-

(*) Cf. v. ESCHWEGE, *Journal von Brasilien*, I. p. 52.

(254) Nos porcos de mato brasileiro são reconhecidos ainda hoje duas espécies: pertencentes ambas ao gênero *Dicotyles* Cuvier, 1817 (nome cuja preferência a Tayassú Fischer, 1814, foi recomendada pela Com. Intern. de Nomencl. Zool.); o "queixada", *Dicotyles albicinctus* Illiger 1811 (= *D. pecari* Fischer, 1814, *D. labialis* Cuvier, 1817) e o "caieté" ou "caietto", *Dicotyles tajacu* Lin. (= *Dicotyles torquatus* Cuvier), de que o "candela ruiva" é simples variedade. O primeiro, maior e muito mais temível, reconhece-se, pela sua maxila inferior branca, e o segundo pela faixa ou coleira esbranquiçada que circunda a parte baixa do pescoço.

(255) A "onça preta" a que entre nós aplicam comumente a denominação de todo imprópria de tigre, e uma simples variedade melânica da "onça pintada" (*Felis onca* Lin.), reconhecendo-se sempre perceptivelmente sobre o fundo negro as manchas características da espécie. Distinguem-se sempre os caçadores, sob nomes diversos, certo número de variedades de onça; zoológicamente formam porém todas, no opinar da generalidade dos zoólogos, uma só espécie.

cessários quatro homens pelo menos, que impulsionam a canoa por meio de longas "varas". Como há por toda parte lugares rasos, que surgem como bancos de areia no período da seca, as varas sempre podem alcançar-lhes o fundo, mesmo quando as águas estão muito altas; e, em circunstâncias favoráveis, é possível atingir Linhares em um dia, mas não antes da noite.

O tempo estava lindo, e depois de nos acostumarmos ao balanço da estreita canoa, causado pelos soldados andando para trás e para a frente afim de impulsioná-la, achámos a excursão muito agradável. Em plena manhã, a vasta superfície do rio cintilava ao sol; as margens distantes estavam tão densamente vestidas de selvas umbrosas, que, em todo o percurso vencido, não havia uma simples brecha onde se pudesse erguer uma casa. Ilhas numerosas, de vários tamanhos e formas, recortavam o espelho das águas; eram cobertas de velhas árvores de frondes luxuriantes. Cada qual tem nome próprio, e, segundo dizem, aumentam de número à proporção que se sobe. Na cheia, a água do rio Doce é turva e amarelada, e produz febres no consenso geral dos habitantes. O peixe é abundante: mesmo o espadarte (*Pristis serra*) sobe muito além de Linhares, até à "lagoa" de Juparanã, onde é frequentemente pescado.

Vinham das florestas gritos de numerosos macacos, sobretudo dos "barbados" (*Myctes ursinus*), e dos "saf-assús" (*Callithrix personatus*, Geoffroy, etc.)²⁵⁶. Vimos aí, pela primeira vez em estado selvagem, as magníficas araras (*Psittacus Macao*, Linn.), um dos maiores ornamentos das florestas brasileiras; ouvimos-lhes os gritos altos e estridentes, e as admirámos a esvoaçar, esplêndidas, por sobre as cimas das altaneiras sapucaias. Podíamos reconhecê-las à distância pelos rabos compridos, e a brilhante plumagem vermelha refulgia deslumbrantemente sob os raios do sol. Periquitos, maracanãs, maitacas, tiribas, curicas, camutanga, jandaia e outras espécies de papagaios voavam aos bandos, em algazarra, de uma margem a outra; e o grande e magestoso pato almiscarado (*Anas moschata*, Linn.)²⁵⁷ pousava no ramo de uma *Cecropia*, na orla da mata, à beira do rio. O talhamar (*Rhynchops nigra*, Linn.) permanecia imóvel, de pescoço encolhido, nos bancos de areia (corôas): tucanos e surucuás (*Trogon viridis*, Linn.)²⁵⁸ emitiam os altos gritos. Esses animais selvagens e os "Botocudos", agora, aliás muito mais raros, são os únicos habitantes das margens do rio. Escasseiam os colonos; apenas em dois lugares se estabeleceram algumas pessoas, suficientemente armadas para a defesa. Carregam sempre as espingardas, quando vão às plantações; e os que não têm armas de fogo possuem, pelo menos, um bodoque, com que atiram pelotas ou pedras. Só de vez em quando, durante as ex-

(256) Já houve ocasião de referir a estes dous símios. Cf. notas 87 e 217, respectivamente.

(257) V. nota 213.

(258) V. nota 101.

